
GRI + TNFD + SBTN: menos caos no reporte

A convergência entre frameworks pode reduzir duplicação, clarificar métricas e melhorar a utilidade da informação.

ESG | REPORTING | GOVERNANCE



O problema já não é falta de reporte

Muitas organizações produzem informação ESG em excesso, mas com pouca coerência e utilidade executiva.

■ Métricas dispersas

Indicadores semelhantes aparecem com nomes, definições e critérios diferentes, dificultando comparação e leitura de tendência.

■ Frameworks sobrepostos

GRI, TNFD, SBTN e outros referenciais podem ser usados em paralelo sem verdadeira articulação entre si.

■ Pedidos duplicados

As mesmas equipas respondem a solicitações semelhantes com formatos diferentes, aumentando custo e desgaste operacional.

■ Baixa utilidade para decisão

Quando o reporte não conversa com risco, estratégia e operação, transforma-se apenas em carga administrativa.

A questão central será: "o reporte ajuda a decidir melhor?"

A convergência pode reduzir ruído

A aproximação entre referenciais tende a melhorar interoperabilidade, consistência e comparabilidade do reporte.

■ GRI

Ajuda a estruturar reporte de impacto com linguagem reconhecida e maior comparabilidade entre organizações.

■ TNFD

Foca dependências, impactos, riscos e oportunidades relacionados com natureza e capital natural.

■ SBTN

Apoia a definição de prioridades e metas baseadas na ciência para temas ligados à natureza.

■ O valor está no alinhamento

Quando os referenciais se articulam, reduzem redundância e tornam o reporte mais claro para gestão e stakeholders.

Um reporte coerente exige governance de dados

Sem ownership e fontes fiáveis, qualquer framework acaba por produzir ruído em vez de confiança.

■ Fontes de dados

É necessário saber de onde vêm os dados, quem os valida, com que periodicidade e com que controlo de qualidade.

■ Owners claros

A sustentabilidade não consegue fechar o reporte sozinha. Operações, finanças, compras, risco e jurídico têm um papel real.

■ Critérios consistentes

A organização precisa de definições internas estáveis para evitar que cada ciclo de reporte recomece do zero.

■ Evidência auditável

Quanto maior a pressão de mercado, maior a necessidade de rastreabilidade e documentação do raciocínio.

O ganho real é executivo

O objetivo não deve ser alimentar frameworks. Deve ser melhorar decisões, prioridades e credibilidade.

■ Melhor diálogo com investidores

Informação mais alinhada torna a conversa sobre risco, natureza e desempenho mais objetiva e menos narrativa.

■ Menos esforço redundante

Quando métricas e pedidos são harmonizados, as equipas deixam de repetir trabalho com baixo valor acrescentado.

■ Mais comparabilidade

Dados consistentes permitem comparar períodos, unidades, geografias e compromissos com maior segurança.

■ Mais confiança

Reporte coerente reduz suspeita de greenwashing e aproxima sustentabilidade de gestão de risco real.

Mas afinal, o que fazer agora?

A convergência só gera valor se for traduzida em processo, dados e responsabilidades internas.

■ Mapear métricas

Identificar indicadores já usados, duplicações, lacunas e ligação aos temas materiais da organização.

■ Cruzar frameworks

Perceber onde GRI, TNFD e SBTN se sobrepõem, onde se complementam e onde exigem informação distinta.

■ Definir ownership

Atribuir donos de dados, responsáveis por validação e critérios de revisão antes da divulgação externa.

■ Construir roadmap

Priorizar melhorias por risco, materialidade, esforço operacional e relevância para investidores ou financiadores.

O próximo ciclo ESG não será apenas sobre volume.



Será:

Reportar de forma coerente, útil, comparável e defensável perante mercado, investidores e gestão.

Na **Ahkoris**, ajudamos organizações a transformar reporte fragmentado em governança de dados ESG com sentido prático.

Se o reporte exige muito esforço e gera pouca decisão, o problema não está no relatório. Está na arquitetura do processo.